

Porque (não) somos portugueses

Porque **não** somos franceses

Alguém que já escreveu sobre a alteridade, registrou muito bem que não sabemos o que somos até nos depararmos com outrem, ou aqueles que não são o que somos.

A permanência num outro país, por períodos curtos ou um pouco maiores, sempre nos oferece mais que um olhar sobre o estrangeiro, um olhar sobre nós mesmos. Nos períodos muito longos, essa perspectiva pode se dissolver, porque os processos de aculturação podem nos levar a perder nossa identidade de origem ou, pior, radicalizá-la a tal ponto que não a temos mais.

Pois é, toda essa introdução para escrever sobre as sensações recentes que me têm causado a convivência com portugueses (apenas uma semana naquele país) e o dia-a-dia aqui na França, convivendo com franceses e com uma quantidade grande de não franceses.

**Somos, por colonização e pela influência do catolicismo, portugueses.** Não se trata de qualquer catolicismo, mas do lusitano.

Herdamos vários traços dessa formação.

Nunca fazemos uma leitura efetivamente crítica na frente de quem deva ouvi-la, tampouco a escrevemos, embora sempre tenhamos opiniões negativas sobre tudo e todos.

Como os portugueses, sempre estamos afeitos a receber bem as pessoas: “Somos cordiais”, como muito bem destacou Sérgio Buarque de Holanda.

“Todos nós herdamos no sangue um pouco do lirismo lusitano (além da sífilis, é claro)” disse seu filho Chico Buarque de Holanda, o que ajuda a entender porque somos mais festivos que nossos vizinhos da América Hispânica.

Queremos ter à mesa sempre muita e boa comida e bebida, o que nos aproxima dos portugueses e os diferencia, como a nós, de grande parte da Europa.

No entanto, basta um pouco de convivência para também concluir que **não somos portugueses**. Às vezes é até um pouco difícil reconhecer a influência que eles tiveram sobre nós.

O brasileiro é extremamente auto-confiante, além do que as reais condições indicam, em muitos casos, que ele deveria ser.

Os portugueses, apesar de se lembrarem de seu importante passado colonial, comportam-se como a pontinha de Europa. De fato, eles são a pontinha da Europa, no sentido físico-territorial e no das representações sociais, mas isso não precisaria ser assumido como expressão de não serem ainda, de fato, cidadãos europeus de primeiro nível, tal como eles parecem se sentir.

Os portugueses medem, calculam, comportam-se como uma sociedade que teve muitas perdas (de poder, de dinheiro, de patrimônio...).

Nós, brasileiros, nunca achamos que perdemos nada, porque estamos sempre embalados pela idéia de que um dia teremos tudo.

Nós somos o futuro (ainda que estejamos trabalhando de forma muito pouco séria para isso), eles são o passado (ainda que se esforcem para manter um pouco do verniz pretérito como meio de pensar no futuro)...

Os portugueses são os donos da língua portuguesa. Discordam do acordo ortográfico que nos aproximaria (até o Saramago!!!). Acham que falamos brasileiro e que estamos acabando com a língua deles, o que poderia ser verdade, não se considerasse que a língua é viva, por isso nosso brasileirismo só a tem enriquecido com seus neologismos, incorporações das línguas indígenas, constante disponibilidade para interagir com o outro e para mudar.

Nós somos o destino da língua portuguesa, não porque sejamos ótimos ou exatamente porque a Rede Globo esteja passando o carioquês para todos os lusófonos e a Igreja Universal de Deus esteja levando sua missão a cada esquina do país. Somos o destino da língua portuguesa, porque essas entradas brasileiras em Portugal refletem o fato de que somos o maior mercado consumidor de cultura de massa entre os que falam essa língua tão melódica.

Nós somos assim, muito e nada portugueses, ao mesmo tempo, exatamente porque cinco séculos foram nos separando. Mas, afinal, por que nos deixamos separar?

Os franceses são, "tout à fait" (=completamente, para utilizar a expressão que eles gostam de usar para confirmar definitivamente algo de que falam) diferentes de nós.

Segundo a lógica deles, o correto seria o inverso: os brasileiros são diferentes dos franceses, já que a ordem aqui faz toda a diferença. Uma das características da francesidade é eles acharem que são ou que deveriam ser, ainda, o centro do mundo. Sendo assim, tudo é ou deveria ser em relação a eles....

Eles têm seus direitos adquiridos, porque, afinal colocar os fundamentos da Modernidade, construírem-se como República, garantirem certo (sempre relativo) direito de igualdade num mundo de desigualdades não é pouca coisa.

Tudo bem, eles exploraram suas colônias e reproduziram a desigualdade em outras escalas, mas Portugal também fez isso e não fez uma Revolução Francesa.

Atualizando o lema da Revolução Francesa, poderíamos traduzi-lo assim: liberdade = total; igualdade = de alguns, para alguns, com alguns; solidariedade = nem tanto assim, pois como aumentou muito o número de imigrantes, bem com a tendência de individuação da sociedade, já não há mais tempo para isso...

Os franceses são educados, o que não quer dizer solícitos necessariamente. Sempre cumprimentam (Bonjour Madame! Bonjour Monsieur!), mas se você fizer uma pergunta inadequada (é aquela pergunta para a qual eles não estão programados para responder), imediatamente a reação será "Pas de tout" (ou seja, não há o que fazer, de jeito nenhum, absolutamente), para entender bem, isso significa: nada de ser inusitado, senhor brasileiro, nada de perguntar o que não é para ser perguntado neste lugar e nesta hora.

Por essa razão, o que mais gostamos, aqui na França contemporânea, é ser atendido, em algum guichê, por um imigrante oriental: são atenciosos, explicativos e simpáticos; ou por um árabe, sempre disposto a conversar, na expectativa de conquistar ainda mais seu cliente, diferentemente dos colonizados da África subsaariana (como os franceses gostam de chamar parte da África que eles colonizaram), menos urbanos, menos adaptados, mais eles mesmos...

Por que não somos franceses? A primeira resposta é fácil: porque fomos colonizados por portugueses, mas acho que uma coisa não tem a ver com a outra, já que a principal razão pela qual não somos franceses não nos identifica com os portugueses, muito ao contrário identifica os portugueses com os franceses: Eles são absolutamente cartesianos!!!

Isso mesmo, cartesianos, para o bem e para o mal.

Se os franceses fazem uma reunião na Universidade para discutir um projeto, o projeto será elaborado e será realizado. Exatamente o contrário de nós brasileiros: fazer a reunião não garante nada, pode até dificultar colocar uma idéia em consecução.

Se os franceses escrevem um texto, são objetivos, evitam o subliminar, tratarão de dizer, ordenadamente, o que querem. Escrevem e depois explicam, de novo, utilizando a velha fórmula: autrement dit, c'est-à-dire...

Exatamente o oposto de nós que ousamos ser imprecisos, hipotéticos demais e, às vezes, contraditórios...

Eles fazem uma coisa de cada vez e uma na sequência da outra. Nós somos o inverso, fazemos todas as coisas ao mesmo tempo, sem saber dar, às mais importantes valor maior. Somos mais brasileiros ainda, quando não terminamos, uma boa parte das coisas que começamos.

Somos complexos, porque somos capazes de fazer muitas coisas ao mesmo tempo, somos anarquistas porque não aceitamos o mundo ordenado, somos dispersivos porque não queremos a meta, mas apenas o caminho (e se possível se perder nele).

Os franceses, com a sua ordem, nos aborrecem e nos fascinam, porque eles são o direito do avesso, para brincar com a expressão do Caetano Veloso, quando nós somos o avesso do direito.

Por que ainda os admiramos tanto?

Talvez, porque ainda sejamos absolutamente colonizados.

Paris, 09 de novembro de 2009.

Maria Encarnação Beltrão Sposito